



## **DISCURSOS DOCENTES SOBRE CRIANÇAS CUJOS PAIS/MÃES VIVEM EM CONDIÇÃO DE CONJUGALIDADE HOMOAFETIVA**

Anna Luzia de Oliveira (1); Ricardo de Figueiredo Lucena (2)

(1) Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar – FACEP, [annaluz\\_uzl@yahoo.com.br](mailto:annaluz_uzl@yahoo.com.br)

(2) Universidade Federal da Paraíba, [cacolucena@gmail.com](mailto:cacolucena@gmail.com)

**Resumo:** A configuração familiar vem se modificando ao longo da história, em decorrência de transformações ocorridas na sociedade. Nessa conjuntura de transformações, surge uma multiplicidade de arranjos familiares, dentre eles a homoparentalidade, comumente circundada de polêmica por escapar à heteronormatividade vigente na sociedade. Assim, crianças inseridas em famílias homoafetivas constituem uma realidade cada vez mais presente na sociedade e, conseqüentemente, nas escolas brasileiras, o que demanda uma reflexão a seu respeito, para que a escola contribua para o enfrentamento de possíveis estereótipos e preconceitos, de modo a ser um espaço de promoção e valorização da pluralidade e diversidade, aberto à convivência de diferentes grupos e culturas. Nesse sentido, o presente artigo objetiva analisar os discursos de professores/as, de escolas municipais da cidade de Campina Grande-PB, sobre as crianças cujos pais/mães vivem em condição de conjugalidade homoafetiva. Trata-se de um estudo qualitativo (MINAYO, 2009), que utilizou como instrumento a entrevista semiestruturada. Foram entrevistadas 12 professoras, de um total de 16 alunos/as inseridos/as em famílias homoafetivas, todas as entrevistadas do sexo feminino, cujas idades variam de 29 a 54 anos. Os dados foram analisados com base no método de análise de discurso proposto por Gill (2014). Percebeu-se, a partir dos dados obtidos, discursos que afirmam essas crianças como “normais”, o que parece contraditório, visto que o termo “normal” dispensa a necessidade dessa constatação, sobretudo quando atrelada a constante comparação. Ademais, foi perceptível que os discursos demonstraram que essas crianças ainda estão sendo frequentemente observadas e avaliadas em comparação às demais crianças, representando uma contínua vigilância sobre os efeitos da homoparentalidade sobre essas crianças, sendo possível a compreensão de que não estão sendo acolhidas com naturalidade no contexto escolar, chegando a serem, em alguns momentos, vítimas de práticas homofóbicas.

**Palavras-chave:** famílias homoafetivas; docentes; discurso.

**Summary:** The family structure has been changing throughout history as a result of changes occurring in society. At this juncture of transformation comes a multitude of family arrangements, including homoparenthood, often surrounded by controversy to escape the prevailing heteronormativity in society. Thus, children inserted in homoafetivas families are a reality increasingly present in society and consequently in Brazilian schools, which calls for reflection about them, so that the school contributes to the face of possible stereotypes and prejudices in order to be a space for promotion and enhancement of plurality and diversity, open to the coexistence of different groups and cultures. In this sense, this article aims to analyze the speeches of teachers / as, municipal schools in the city of Campina Grande-PB on children whose parents / mothers living in marital homosexual condition. This is a qualitative study (MINAYO,



2009), which used as a tool to semi-structured interview. 12 teachers were interviewed, for a total of 16 students / the inserted / homoafetivas in the families, all interviewed female, whose ages range 29-54 years. The data were analyzed based on discourse analysis method proposed by Gill (2014). It was noticed, from the data obtained, speeches that claim these children as "normal", which seems contradictory, since the term "normal" eliminates the need for this finding, especially when linked to constant comparison. Furthermore, it was noticeable that the speeches have shown that these children are often still being observed and evaluated in comparison to other children, representing a continuous monitoring of the effects of homoparenthood on these children, it is possible to understand that they are not being accepted naturally in school context, coming to be, at times, victims of homophobic practices.

**Keywords:** homoafetivas families; teachers; speech.

## Introdução

A contínua, gradativa e lenta mudança, ao longo da história, da família e dos relacionamentos amorosos foram e são influenciados, decisivamente, pelos ideais e valores de cada tempo e de cada sociedade. Sendo que, sobretudo no século XX, os valores democráticos de igualdade e liberdade provocaram conflagração no modo como os sujeitos pensam e agem, especialmente no modo como estabelecem laços e ligações sociais.

Com isso, assistiu-se de modo mais fervoroso transformações na vida das pessoas, como por exemplo, nos papéis de gênero, na sexualidade, no casamento e na família, a partir do discurso de igualdade de direitos universais. A noção de pertencimento a uma identidade cada vez mais ampla como a da humanidade parece ter favorecido integração de grupos excluídos à sociedade.

Nessa conjuntura, em comparação com séculos e décadas passadas, os homossexuais vêm avançando na luta em garantir reconhecimento social e na lei, a ponto de tornarem-se arranjos familiares, com ou sem filhos/as, cada vez mais explícitos.

Assim, a crescente visibilidade de famílias homossexuais na sociedade e, conseqüentemente, o aparecimento gradativo de crianças cujos pais/mães vivem em condição de conjugalidade homoafetiva na escola se refere a uma realidade que está relacionada a essas mudanças sociais.

Com essa realidade cada vez mais presente, pesquisas têm mostrado que a escola tem representado uma instituição que muito tem contribuído para a disseminação e manutenção da homofobia, até mesmo com essas crianças (MELLO; GROSSI; UZIEL, 2009). Contudo, é preciso considerar e analisar os discursos do universo de professores/as que a presente pesquisa se propõe problematizar, sobre as crianças advindas de uma realidade familiar homoparental.

Desse modo, o presente artigo objetiva analisar os discursos de docentes do ensino fundamental, das escolas municipais da cidade de Campina Grande – PB, sobre as crianças/alunas cujos pais/mães vivem em condição de conjugalidade homoafetiva. Trata-se de um recorte de uma dissertação de mestrado, realizado na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE. Será detalhado, a seguir, o método de como os dados foram colhidos e analisados, para posteriormente abordar os resultados e discussões da investigação.

### **Considerações metodológicas**

Com o intuito de melhor apreender a complexidade do tema em análise, a presente pesquisa utilizou da metodologia qualitativa que “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2009, p. 21).

Tendo como referencial os objetivos dessa pesquisa, que busca desconstruir discursos e promover transformação em prol da justiça social e educacional, trata-se, mais especificamente, de uma pesquisa qualitativa pós-crítica, o que, segundo Gastaldo (2012), significa implicar-se na audaciosa tarefa de construir modos alternativos de pensar, falar e fazer pesquisa.

Para coletar os dados, utilizou-se da entrevista semiestruturada. Sendo considerado um dos elementos importantes na concretização de uma pesquisa qualitativa, a entrevista se torna foco de uma das abordagens neste trabalho de campo, constituindo-se enquanto procedimento comumente utilizado. Segundo Minayo (2009), a entrevista não é uma conversa despreziosa e neutra, mas sim com finalidade e se caracteriza pela sua forma de organização.

O campo investigativo foi composto por 11 (onze) escolas municipais, todas de ensino fundamental I e II, localizadas em diversos bairros de Campina Grande, sendo possível identificar um total de 16 (dezesesseis) alunos/as vindos/as de famílias homoafetivas, todos/as em salas distintas. Logo, participaram do estudo em questão, 12 professoras, desse total de 16 alunos/as inseridos/as em famílias homoafetivas, todas as entrevistadas do sexo feminino, cujas idades variam de 29 a 54 anos.

A delimitação desse campo investigativo e dos sujeitos da pesquisa se deu a partir de ligação telefônicas, realizada para todos/as as/os gestores/as das 86 escolas urbanas e municipais da cidade de Campina Grande – PB, para apreender em quais escolas e quais e quantas eram as professoras de



crianças oriundas de famílias homoafetivas. Faz-se necessário proferir que se utilizará de pseudônimos, para que seja garantido o anonimato das entrevistadas.

Depois de gravadas, as entrevistas foram transcritas e submetidas à análise de discurso, de acordo com a orientação teórico-metodológica da autora Gill (2014). A análise proposta foi norteadas pelas seguintes etapas: inicialmente, foram realizadas leituras das entrevistas transcritas, a fim de focar a construção, organização e funções do discurso, observando o que pudesse estar subjacente; em seguida, realizou-se a codificação dos dados, determinado pelas questões de interesse; e, por fim, a análise como tal, construída a partir da identificação de padrões – variabilidade e consistência - e funções de características específicas do discurso.

### **Produções discursivas de docentes sobre crianças cujos pais/mães vivem em condição de conjugalidade homoafetivas**

Junqueira (2011) ratifica que as crianças e adolescentes que de algum modo fogem à fronteira dos gêneros são constantemente comparadas às demais crianças, além de ser impelidas a apresentarem “algo a mais” para, quem sabe, serem tratadas como “iguais”.

Essas crianças foram descritas em alguns discursos como sendo “normais”, não tendo “diferença” em relação a outras crianças, apresentando comportamentos considerados bons pelas professoras, como sugere os discursos a seguir:

*É uma criança responsável, ela é uma criança compreensível, ela é uma criança é... **inteligente, muito inteligente, é comum como todas as crianças**, no comportamento. Mas assim, diferentemente de alguns alunos que tem questão de comportamento, ela não se insere nessa agressividade. Uma criança **calma**, uma criança **carinhosa**, uma criança que vem para a escola **muito limpa**, com o seu material organizado, caderno organizado, então ela é uma criança **normal**... Normal assim... (riso) como todas as outras crianças. (Luciana, pedagoga e geógrafa com especialização em meio ambiente, 35 anos de idade e 17 anos de profissão).*

*Eu tenho uma aluna, que é uma das minhas melhores alunas, que a mãe dela vive com outra mulher, mas ela não tem diferença, a menina não tem nada de diferente dos outros. (...) Educada, **comportada**, faz tarefa de casa, raramente não faz tarefa de sala, sociável demais, muito boa mesmo! (Letícia, com formação em letras, especialização em formação do educador e mestranda em saúde mental, 45 anos de idade e 15 de profissão).*

*Normal... porque ele é uma criança normal... Faz suas tarefas normais... a aprendizagem dele é normal... eu nunca.... por isso que estou dizendo.... eu nunca vi nada de diferente na aprendizagem dele... porque... é... é... ele é criado por... por duas mulheres né? Nunca me demonstrou isso de nenhuma maneira... assim dele falar... nem na fala... nem... nem... atitude dele... ele nunca me deixou transparecer isso... e eu não sabia... Não sabia... aí a atitude dele é normal, de uma criança normal... como se fosse criado por um pai e uma*





*mãe né? Por isso que... que eu até achei estranho... Achei muito estranho essa... a história dele... dele... ser criado. (Jéssica, Pedagoga, 30 anos de idade e 8 anos de profissão).*

Luciana descreve a aluna com comportamentos apontados como bons pela sociedade, considerando a aluna como uma criança “normal”, ou seja, que não foge à norma, o que parece se aproximar do discurso de Letícia, ao descrever sua aluna como uma das melhores, não sendo diferente dos demais alunos/as e do discurso de Jéssica que descreve seu aluno com aprendizagem, comportamento e atitudes como “normais”. Tratam-se de discursos que corroboram com a ideia proposta acima por Junqueira (2011), visto que a “normalidade” das crianças descritas é assegurada pela comparação com as demais crianças e por apresentarem comportamentos que não divergem das expectativas dos referidos professores.

Contudo, a primeira entrevistada apresenta ênfase quando fala de características como “muito inteligente”, “calma”, “carinhosa” e “muito limpa”, o que sugere esse “algo a mais”, referido por Junqueira (2011), para garantir o lugar de “igualdade” em relação a outros alunos, além de que parece indicar surpresa quanto ao bom comportamento e ao bom cuidado que a criança apresenta receber, sobretudo quando a qualifica como “normal”, seguido de risos, podendo-se pensar uma expectativa de anormalidade em torno do comportamento de crianças advindas de uma realidade familiar homoparental.

Jéssica também compartilha dessa surpresa ao saber que seu aluno tinha comportamentos, atitudes e aprendizagem considerada “normal”, já que era criada por um casal de mulheres. De tal modo, seu discurso denuncia que a normalidade apresentada era típica de uma criança criada por um casal heterossexual, o que, para ela, parece representar algo muito estranho a relação direta entre criança “normal” e criança cujos pais/mães vivem em condição de conjugalidade homoafetiva.

Nesse tocante, Garcia et al. (2007) afirmam que provar a “normalidade” da família homoparental baseada na comparação com famílias heteroparentais envolve a defesa implícita de um modelo de família que é, ele mesmo, alvo de crítica. Assim, a expressão “normal” referida às crianças parece mais um defender-se de uma crítica, mesmo que implícita, quanto à organização familiar homoparental, do que uma declaração de comportamentos naturais e possíveis para uma criança.

Trata-se de discursos que apontam um pensamento ainda muito presente em nossa sociedade de que as crianças criadas por casais homossexuais teriam problemas no desenvolvimento, o que não se sustenta nos discursos descritos nem mesmo para Flaks et al. (1995), que realizaram estudo comparativo entre crianças filhas de casais lésbicas e crianças de casais heterossexuais e não



encontrou diferenças significativas entre essas crianças quanto ao funcionamento cognitivo e comportamental.

No tocante à surpresa, seja ela dita ou implícita por meio de discursos com ênfase, quanto ao bom comportamento dos discentes, presentes tanto na fala de Luciana como na de Jéssica, Elias e Scotson (2000) afirmam que o grupo estabelecido inferioriza o grupo considerado *outsiders*, esperando dele sempre comportamentos “ruins”. E acrescenta:

Os grupos estabelecidos que dispõem de uma grande margem de poder tendem a vivenciar seus grupos *outsiders* não apenas como desordeiros que desrespeitam as leis e as normas (as leis e normas dos estabelecidos), mas também como não sendo particularmente limpos (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 29).

O discurso a seguir apresenta a ideia de que crianças criadas por casais homossexuais seriam revoltadas ou estressadas:

*Eu não a vejo agoniada, eu acho que você está entendendo! Eu não vejo ela estressada e, acho que bem melhor, até que... Eu não estou sendo preconceituosa... Não vá me entender como preconceituosa. Digo de algumas relações hetero... Ela chega em paz! Eu nunca vi ela arisca, como eu vejo de algumas relações hetero, né? (...), ela chega mais calma doutora (risos), do que muitas crianças que são ditas de famílias tradicionais, hetero, com pai, mãe, avô, isso, isso... **INCRÍVEL**. (Edna, formação em psicologia e em psicopedagogia, 54 anos de idade e 23 anos de profissão).*

Elias e Scotson (2000) asseveram que o grupo estabelecido tende a atribuir ao grupo *outsiders* características ruins como meio de afirmar sua superioridade e manter, firmemente, o outro grupo em seu lugar de inferioridade.

A ideia de que os filhos/as de casais homossexuais seriam, no mínimo, revoltados foi um argumento utilizado pelo parlamentar Salvador Zimbaldi (PSDB-SP) em defesa da rejeição do projeto de Lei nº 1.151 de 1995, apresentado pela Deputada Federal Marta Suplicy, que almejava disciplinar a união entre pessoas do mesmo sexo. E, por isso, o referido parlamentar se dizia preocupado com a possibilidade de casais homossexuais serem legalmente autorizados a adotar crianças.

Os discursos aqui analisados deixaram explícita a grande dificuldade que os professores têm para se desvencilhar do suposto alinhamento entre sexo-gênero-sexualidade e da normatização da vivência familiar a partir de um modelo familiar ideal, construído historicamente e tomado como verdade incontestável, o que acabou por favorecer a incidência da constante comparação entre a crianças oriunda da famílias homoafetiva com as demais crianças, além de presença de alguns



**II CINTEDI**  
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE  
**EDUCAÇÃO INCLUSIVA**  
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

**16 a 18**  
**NOVEMBRO**  
**2016**

LOCAL DO EVENTO  
CENTRO DE CONVENÇÕES  
**RAYMUNDO ASFORA**  
GARDEN HOTEL  
CAMPINA GRANDE-PB

discursos de denotam, mesmo que de um modo sutil, homofobia para com essas crianças e suas famílias.



## Considerações... longe de serem finais...

Inicialmente, é preciso ressaltar que este artigo possibilitou trazer ao conhecimento do leitor o que alguns professores pensam sobre as crianças filhas de casais homossexuais, além de dar visibilidade e problematizar a construção e reconhecimento dessas famílias e dessas crianças no contexto escolar.

No que se refere à análise das produções discursivas das professoras entrevistadas, foi possível constatar uma frequente avaliação dessas crianças em comparação aos demais alunos/as advindas de famílias heteroparentais, além de várias situações constrangedoras, vivenciadas por essas crianças, a partir de discursos que denunciam expectativas negativas no que se refere ao comportamento, desenvolvimento e personalidade dessas crianças.

Identificou-se, também, que os/as alunos/as vindos/as de famílias homoafetivas são descritos/as como “normais”, isso por apresentarem comportamentos e práticas iguais ou melhores em comparação às demais crianças, o que, para algumas professoras, foi narrado com surpresa, implícita ou explicitamente, visto não conceberem com naturalidade a “normalidade” de uma criança oriunda desses arranjos familiares.

Deste modo, é perceptível que este artigo contribuiu para compreender a realidade das crianças advindas de famílias homoafetivas no contexto escolar, visto que essas crianças ainda estão sendo frequentemente observadas e avaliadas em comparação às demais crianças, representando uma contínua vigilância sobre os efeitos da homoparentalidade sobre essas crianças, sendo possível a compreensão de que não estão sendo acolhidas com naturalidade no contexto escolar, chegando a serem, em alguns momentos, vítimas de práticas homofóbicas.

Assim, a partir desses discursos analisados e dos efeitos deles na prática, é possível perceber o quanto a escola ainda não tem cumprido o seu papel de formação de cidadãos para democracia e para a convivência com a diversidade, especialmente com as pessoas que de algum modo escapam à heteronormatividade.

## Referências

ELIAS, N.; SCOTSON, J. (1897-1990). **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FLAKS, D. K.; FICHER, I; MASTERPASQUA, F.; JOSEPH, G. Lesbians choosing motherhood. A comparative study of lesbian and heterosexual parents and their children. **Developmental Psychology**, 31, p. 105-114, 1995.

GARCIA, M. R. V.; WOLF, A. G.; OLIVEIRA, E. V.; SOUZA, J. T. F.; GONÇALVES, L. O.; OLIVEIRA, M. “Não podemos falhar”: a busca pela normalidade em famílias homoparentais. In: GROSSI, M.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. (Orgs.). **Conjugalidade, Parentalidade e Identidades Lésbicas, Gays e Travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p. 277-299.

GASTALDO, D. Pesquisador/a desconstruído/a e influente? Desafios da articulação teoria-metodologia nos estudos pós-críticos. In: MEYER, D. E; PARAÍSO, M. A. (orgs.) **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 9-13.

GILL, R. Análise de Discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 12 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014, p. 244-270.

JUNQUEIRA, R. D. Heteronormatividade e Homofobia no Currículo em Ação. In: CASAGRANDE, L. S.; CARVALHO, M. G.; LUZ, N. S. (Orgs.). **Igualdade de Gênero**: enfrentando o sexismo e a homofobia. Curitiba: UTFPR, 2011, p. 91-126.

MELLO, L.; GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. A Escola e @s Filh@s de Lésbicas e Gays: reflexões sobre conjugalidade e parentalidade no Brasil. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: UNESCO, 2009. p. 159-181.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.